

Celso Furtado continua atual

José Antônio Bicalho / 07/06/2016 - 06h00

Ontem, publiquei no Primeiro Plano deste jornal matéria sobre o resgate dos arquivos deixados por Celso Furtado, o mais destacado economista brasileiro, que vem sendo empreendido por sua viúva, Rosa Freire d'Aguiar (pode ser lido em <http://hojeemdia.com.br/primeiro-plano/o-baú-de-celso-furtado-1.389101>). Já são seis volumes reunindo textos inéditos ou publicados em revistas e jornais, divididos cronologicamente e por temas, acompanhados de estudos críticos. Um trabalho que vale muito ser lido e prestigiado (Coleção Arquivos Celso Furtado, editora Contraponto, Rio).

Mas, **por que ler hoje Celso Furtado**, morto em 2004 e que escreveu o mais importante de sua obra, incluindo o clássico “Formação Econômica do Brasil”, entre as décadas de 50 e 60, ou seja, há mais de cinquenta anos? Porque seu pensamento original continua atualíssimo. Parece incrível, mas as mesmas mazelas diagnosticadas por Celso Furtado nos anos 50 (“Formação” foi publicado em 1959), que impediam o salto que tiraria o Brasil do subdesenvolvimento, são as mesmas dos dias atuais.

Celso Furtado bem que tentou. Ele tinha a rara qualidade de unir capacidade intelectual e energia para a ação. Ciente da importância do papel do Estado na promoção do desenvolvimento, da distribuição de renda e do combate às desigualdades sociais, formulou o Plano Trienal do governo João Goulart e foi idealizador, no governo JK, do BNDES e da Sudene.

Na base do pensamento de Furtado está a distribuição de renda. Sem ela, afirmou, a geração de riqueza, independentemente de quanto seja, não seria suficiente para tirar o país do subdesenvolvimento. E que o crescimento sustentado e de longo prazo só seria possível pela redução dos abismos entre as classes sociais.

Coerência

Como homem de ação, preocupado tanto com a economia quanto com a cultura, Furtado levou **uma vida absolutamente coerente** com seu pensamento. Até mesmo quando aceitou o polêmico cargo de ministro da Cultura no governo Sarney.

Ele nunca foi um revolucionário e sua teoria não se liga de forma alguma às correntes marxistas. Mas Furtado foi um reformista radical, um keynesiano tropical que colocou o dedo na ferida ao apontar para as elites e dizer que o seu egoísmo era a base do nosso atraso cultural e subdesenvolvimento econômico.

Para fazer a matéria publicada ontem, resgatei na minha biblioteca o “Formação” que havia comprado na década de 80. O livro não tem nem mais capa, e relê-lo está sendo um prazer. É impressionante que um país que gerou um teórico econômico do porte de um Celso Furtado tenha virado às costas para seu pensamento. **Nunca mais, desde João Goulart**, suas ideias serviram de base para formulação de políticas econômicas.

Com Lula e Dilma tivemos o arremedo das políticas compensatórias para as classes mais baixas, como o Bolsa Família, o Fies e o Minha Casa, Minha Vida. Mas que não são estruturalmente distributivos. A verdade é que não se mexeu na estrutura tributária e continuamos com o grosso da arrecadação concentrada no consumo, que onera os pobres e a classe média. A renda dos mais ricos permanece isenta.

Por isso, mesmo depois de 13 anos da era petista, **um governo verdadeiramente de esquerda**, inspirado na área econômica no pensamento de Celso Furtado, ainda se faz necessário.

Link: <http://hoje.vc/oh57>